

O PAPEL DO ASSOCIATIVISMO EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA E A IMPORTÂNCIA DO PROTAGONISMO JUVENIL NO CAMPO

Aílton da Silva Santana

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Gerson Conceição Silva

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Hebert Santos Jorge

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Aldinete Silvino de Lima

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Resumo: Este Relato de Experiência apresenta a trajetória de estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRB na realização de atividades do Estágio Supervisionado em espaço não formal. O texto discute sobre o associativismo em uma comunidade quilombola e a importância da atuação dos jovens para a transformação social. Compreendemos que a autogestão é uma forma de protagonismo na produção dos povos do campo, que pode ser utilizada pelas associações ou agroindústrias da agricultura familiar. Tratar sobre a juventude do campo significa entrar em um universo cheio de possibilidades, construções e desconstruções. Buscamos com este relato, de alguma forma, contribuir com o debate sobre o protagonismo dos jovens do campo em associações, do seu papel e contribuição como agente político de mudanças e incidência para o desenvolvimento das comunidades. Para a realização do Estágio, propomos as seguintes oficinas: (i) *A importância do associativismo para a comunidade de Paus Altos* e (ii) *Participação de jovens e adultos na associação*. Os resultados das oficinas revelam a importância da associação para a comunidade e apontam que o número de sócios entre a faixa etária de 18 a 30 anos vem sendo reduzido nos últimos anos. Nesse sentido, os participantes apresentaram propostas para a associação promover ações coletivas e incentivar o protagonismo juvenil.

Palavras chaves: Associativismo. Estágio Supervisionado. Protagonismo Juvenil.

Introdução

Este relato de experiência apresenta nossas reflexões e aprendizagens com o Estágio Supervisionado em um espaço não formal proposto por estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. As atividades aconteceram no mês de

fevereiro de 2019 na Associação Quilombola Paus Altos, localizada no município de Antônio Cardoso- BA.

O Estágio Supervisionado é uma atividade preparatória para a atuação de profissionais em diversas áreas. Na área de educação, o estágio acontece também em espaço não escolar ou não formal, pois como acentua Gohn (2006) a educação não formal é um tipo de educação caracterizada pela intencionalidade da ação. De acordo com a autora:

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2006, p. 2).

Para Gohn (2006) as principais dimensões de aprendizagem da educação não formal relacionam-se com as questões políticas e sociais. É uma oportunidade de ir além dos muros da escola para refletir sobre o mundo que nos rodeia. Assim, realizar atividades em instituições não governamentais e em movimentos sociais faz parte da proposta formativa dos Cursos de Licenciatura em Educação do Campo.

Por sua vez, a Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) vem sendo expandida nas universidades do Brasil a partir da chamada pública para oferta de cursos nas universidades e institutos federais inserida no Edital nº 02 de 31 de agosto de 2012 (BRASIL, 2012) proposto pelo Ministério da Educação. O curso apresenta uma prática formativa diferenciada com concepções e princípios da Pedagogia da Alternância na busca pela garantia do direito à educação dos camponeses. A Educação do Campo é uma forma de contribuir com a aprendizagem sobre as práticas culturais e sociais dos camponeses.

A LEDOC considera os princípios da Educação do Campo nos processos formativos e, ao mesmo tempo, busca garantir a formação de professores por área de conhecimento de acordo com a legislação vigente, na qual se inclui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior e a formação continuada (BRASIL, 2015).

Para Lima e Lima (2018), a Matemática na Licenciatura em Educação do Campo deve ter o lugar da formação política, social e profunda em conhecimentos científicos escolares, respeitando a diversidade cultural dos futuros professores. Ela se propõe a discutir e ensinar

o conhecimento matemático na perspectiva da formação humana, da justiça social, além do que é necessário para exercer a docência nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. Para contemplar esses aspectos no processo formativo faz-se necessário compreender que a Matemática não é neutra e que é possível estabelecer relação entre os conteúdos matemáticos e as dimensões política, social e cultural do campesinato em contraposição aos interesses do agronegócio.

Nesse sentido, é primordial o diálogo com os movimentos sociais do campo e com as instituições coletivas que defendem a Agricultura Familiar e a Agroecologia. Tomando por referência essas instituições realizamos as atividades do Estágio Supervisionado na Associação Quilombola de Paus Altos com o objetivo de discutir o papel da Associação Comunitária nas práticas sociais e coletivas da comunidade quilombola de Paus Altos, bem como a importância do protagonismo juvenil.

Tratar sobre a juventude do campo significa entrar em um universo cheio de possibilidades, construções e desconstruções. Buscamos com este relato de alguma forma, contribuir com o debate sobre o protagonismo dos jovens do campo em associações, do seu papel e contribuição como agente político de mudanças e incidência para o desenvolvimento das comunidades.

A escolha por este tema se justifica pelo fato de que o associativismo é uma forma de cooperação mútua entre diferentes grupos. São formas instituídas legalmente adotadas por movimentos, entidades, grupos comunitários, entre outros.

A cooperação é um dos princípios básicos das associações que, de acordo com Christoffoli (2012), é uma maneira de superar os limites pessoais do ser humano, a exemplo do individualismo. É, sobretudo, uma forma de organização política e social das pessoas que envolvem diálogo, respeito à diversidade e ao trabalho coletivo.

No que diz respeito às comunidades quilombolas as práticas com o associativismo são ainda mais significativas. A palavra *quilombo* tem sua origem na língua bantu e tem significado relacionado à habitação, floresta e guerreiro. Segundo Santos e Silva (2016) associamos o termo quilombo a forma de luta contra o sistema escravista enfrentado no Brasil. De fato, as marcas da escravidão e o preconceito ainda existem na sociedade atual. Mesmo reconhecendo essa realidade, o termo *quilombola* vem passando por releituras e tomando novos significados, como por exemplo, o significado defendido pelo movimento negro de sujeito de direitos.

É, portanto, no contexto de reconhecer a importância do associativismo e a luta por direitos dos povos quilombolas que apresentamos esse relato sobre as nossas experiências adquiridas com as atividades do Estágio Supervisionado em espaço não formal.

Buscamos desenvolver ações com o objetivo de discutir os conceitos de associativismo e protagonismo juvenil e incentivar a participação dos moradores da comunidade nas atividades da associação. Além disso, nossa intenção era refletir sobre a participação dos jovens na associação e discutir possibilidades de ampliar a participação desse público a partir do estudo sobre dados estatísticos sobre o número de sócios.

Compreendemos que é de grande valia a presença da associação na comunidade, bem como o papel que ela exerce na perspectiva de traçar formas de rompimento com o modelo do agronegócio presente no campo brasileiro. Faz parte das ações do associativismo, a autogestão que diz respeito a um conjunto de práticas coletivas. Para Tiriba e Fischer (2012),

No sentido restrito, autogestão é uma prática social que circunscrever a uma ou mais unidades econômicas sociais, educativas ou culturais, nas quais, em vez de se deixar a organização do processo de trabalho aos capitalistas e a seus representantes e/ou delegá-lo a uma “gerência científica” trabalhadores e trabalhadoras tornam para si, em diferentes níveis, o controle dos meios de produção, do processo de trabalho e do produto do trabalho. (TIRIBA; FISCHER, 2012, p. 615).

Compreendemos que a autogestão é uma forma de protagonismo na produção dos povos do campo, que pode ser utilizada pelas associações ou agroindústrias da agricultura familiar. Nas atividades com o Estágio Supervisionado discutimos as possibilidades de incentivar a produção agroecológica na perspectiva da autogestão. Para apresentarmos nossa experiência relatamos o processo metodológico que utilizamos durante as oficinas, os resultados e discussões que foram revelados e, por fim evidenciamos as considerações finais, apresentando a avaliação das atividades, as implicações, descobertas e também as parcerias que firmamos para continuar atuando na associação após o término do estágio.

Percurso Metodológico

O percurso metodológico para a realização das oficinas seguiu a partir das seguintes estratégias: (i) *Mobilização da comunidade para participação das oficinas*; (ii) *Construção da proposta da oficina*; (iii) *Realização das oficinas* e (iv) *Avaliação das atividades*.

No que se refere à *mobilização da comunidade* propomos um trabalho de base, de conversa com as famílias por meio do convite individual em cada casa. Durante as visita

conversamos sobre o nosso plano de trabalho e ouvimos sugestões de como deveriam ser realizadas as oficinas, destacando a necessidade dos temas para os associados.

A *construção da proposta das oficinas* teve início durante as aulas na universidade e foi concluída na reunião da associação a partir dos interesses dos participantes. Levamos em consideração a importância da associação na comunidade e a necessidade de envolver novos participantes.

As *oficinas foram realizadas* no mês de fevereiro de 2019 com duração de 4 horas cada. A primeira oficina teve por objetivo discutir sobre o papel da associação na comunidade quilombola de Paus Altos. Para desenvolver o tema utilizamos dinâmicas de grupo sobre o trabalho coletivo e rodas de diálogo sobre o conceito de associativismo e protagonismo. Na segunda oficina refletimos sobre os dados estatísticos da associação e sobre o número de sócios por faixa etária. Usamos gráficos para a leitura e interpretação dos dados.

Durante as oficinas realizamos também estratégias para a *avaliação* das ações e discutimos a possibilidade de continuidade das ações para além das atividades do Estágio Supervisionado.

Resultados e Discussões

Apresentamos nessa seção os principais resultados encontrados na realização das atividades com o Estágio Supervisionado. Organizamos os resultados por tema das oficinas: (i) *A importância do associativismo para a Comunidade Quilombola Paus Altos* e (ii) *Participação de jovens e adultos na associação*.

A importância do associativismo para a comunidade de Paus Altos

Na primeira oficina convidamos os associados para uma conversa sobre o tema, no qual discutimos a importância do associativismo para a comunidade e abordamos o conceito de associativismo e protagonismo. Aproveitamos o momento para apresentarmos exemplos emblemáticos e não emblemáticos de associações com o objetivo de identificar as formas de organização que eram compartilhadas entre uma associação e uma cooperativa. Os participantes analisaram os exemplos e apontaram os casos em que o trabalho coletivo e o protagonismo contribuem para a autonomia e o desenvolvimento da comunidade.

O debate foi essencial para incentivar a união e o envolvimento dos participantes nas decisões da comunidade. Consideramos essencial a participação dos membros no debate,

uma vez que o diálogo exige o respeito mútuo e o saber “ouvir”. Notamos que as perguntas e os comentários sobre o tema foram surgindo, e com isso surgiram ideias e sugestões para melhoria da organização e funcionamento da associação. Para visualizar as sugestões propomos a construção da árvore do associativismo de modo que os participantes, a partir das reflexões sobre o tema, construíram a árvore para o sucesso da associação. No tronco da árvore eles registraram as palavras união e organização e nas folhas e frutos os objetivos que pretendem alcançar.

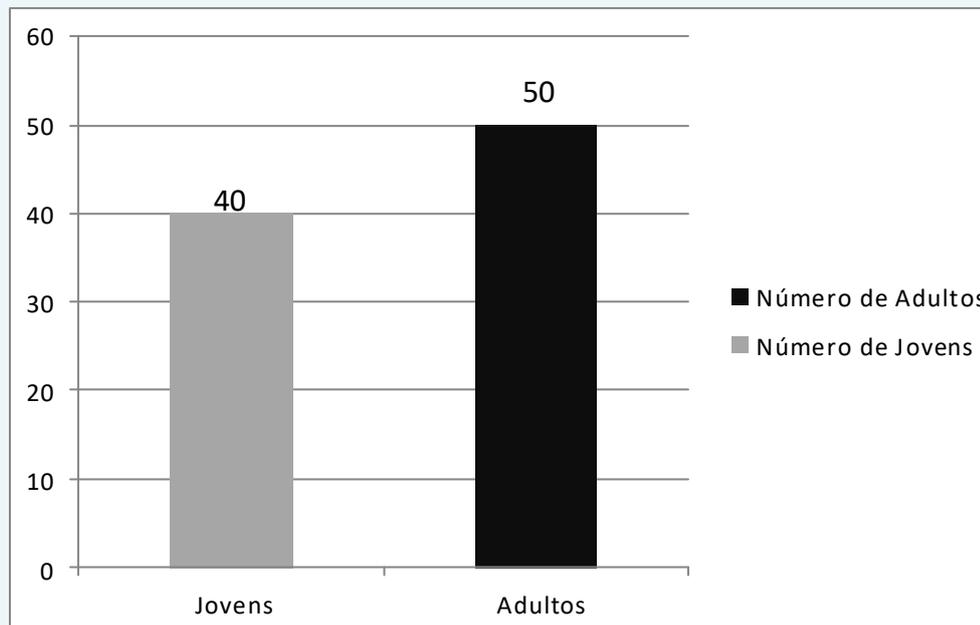
A construção da árvore foi importante, visto que, além de refletir sobre as ações realizadas atualmente na associação discutiram também sobre novas ações para alcançarem os objetivos da comunidade. Na avaliação da oficina os participantes sugeriram que outras oficinas fossem realizadas ao longo do ano.

Participação de jovens e adultos na associação

A segunda oficina teve por objetivo refletir sobre a participação da comunidade na associação por faixa etária. Utilizamos o conhecimento matemático para construir e analisar dois gráficos sobre o número de sócios, bem como discutir fatores de uma possível redução no número de sócios na faixa etária de 18 a 30 anos. Consideramos que o jovem tem um papel fundamental na associação. É uma oportunidade para aprender a valorizar a cultura da família, conhecer a história de luta por direitos e também contribuir com a instituição.

Para envolvermos os participantes propomos a construção de um gráfico coletivamente sobre a quantidade de sócios da Associação de Paus Altos. Ao analisarmos os registros da instituição identificamos que a quantidade de sócios no ano de 2006 era de 90 sócios, desse total, 40 deles eram jovens na faixa etária de 18 a 30 anos. Atualmente a associação possui 80 sócios, sendo apenas 18 jovens na mesma faixa etária.

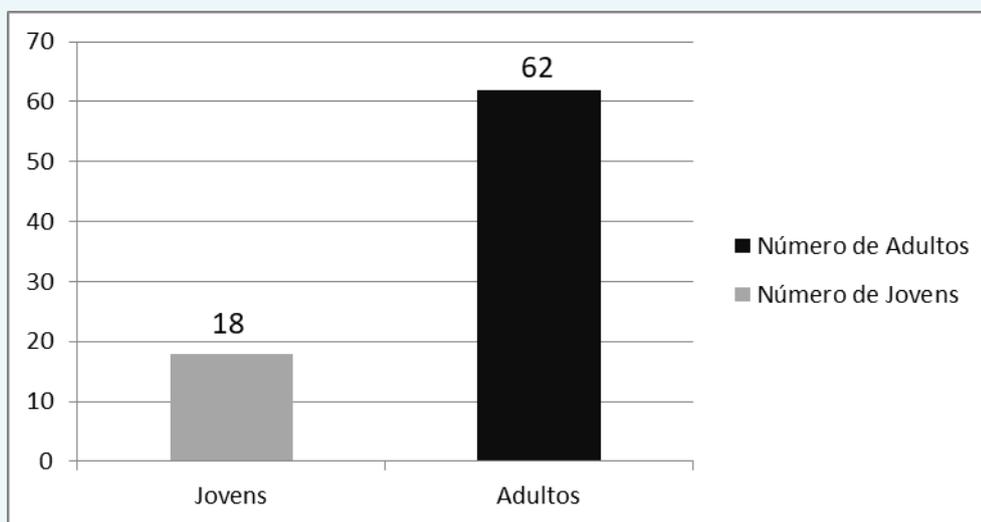
Gráfico 1: Número de Sócios da Associação de Paus Altos em 2006



Fonte: Elaborado pelos autores.

O gráfico seguinte apresenta o número de sócios da Associação atualmente.

Gráfico 2: Número de Sócios da Associação de Paus Altos em 2019



Fonte: Elaborado pelos autores.

A atividade teve por objetivo discutir os dados identificados por meio de gráficos para que os participantes visualizassem a redução no número de jovens na associação no ano de 2006 e no ano de 2019. Após a construção, interpretamos coletivamente os gráficos e discutimos as possíveis causas para a pouca participação dos jovens na associação.

Debatemos também sobre a média anual de sócios que saíram da associação no período de 2006 a 2019 e relacionamos com a quantidade de moradores que saíram da comunidade no mesmo período.

Após essa análise discutimos uma projeção do número de associados jovens para os próximos anos, bem como aprofundamos o debate sobre o papel do associativismo na comunidade.

Os dados apresentados foram importantes para chamar a atenção da comunidade para a redução do número de associados jovens. O momento também possibilitou conhecer por meio de relatos dos sócios a importância da associação para as famílias camponesas. É uma maneira de fortalecer a luta e incentivar o planejamento de estratégias para a superação das dificuldades. Quanto a pouca participação dos jovens na associação, os participantes informaram que ainda persiste o êxodo do jovem do campo para a cidade em busca de trabalho e continuidade dos estudos, devido às dificuldades de acesso às políticas públicas no campo brasileiro.

Perguntamos aos jovens da associação o que eles pensam sobre os dados apresentados na oficina que indicam a pouca participação dos jovens na associação. Segue o depoimento de um jovem membro da associação:

Para mim é a falta de projetos. No início a associação tinha o Grupo chamado Secretaria de Ação Juvenil (SAJ), nesse grupo eram desenvolvidas atividades que eram direcionadas para os jovens da associação. Aconteciam aulas de teatro, tinha ensaio para quadrilha de São João e tinha o futebol. Eles trabalhavam também na arrecadação de alimentos para as famílias que mais necessitavam. (JOVEM A, 2019).

De acordo com o depoimento do Jovem A, a associação precisa abrir espaços para as atividades de seus interesses, principalmente envolvendo atividades culturais e esportivas. Fizemos a mesma pergunta para outros jovens que estavam presentes na oficina, mas não eram sócios. Segue o depoimento de uma jovem:

Com o fim do grupo (SAJ), a única atividade na qual os jovens ainda praticam é o futebol. Na comunidade não tem time de futebol feminino, geralmente essa prática de esporte e lazer é destinado para os meninos. O time de futebol existe e surgiu através do (SAJ), que não está mais vinculado à associação. (JOVEM B, 2019).

O depoimento da Jovem B confirma o depoimento do Jovem A e realça a importância das atividades culturais na associação para o incentivo ao protagonismo de jovens em atividades sociais e coletivas.

De fato, o desenvolvimento de atitudes protagonistas consiste na busca de alternativas para o enfrentamento dos problemas sociais, com vistas à melhoria destes espaços, para as gerações atuais e para as gerações futuras. Em outras palavras, trata-se de pensar de maneira ampliada, a associação em todas as suas dimensões: política, social, econômica, ambiental e cultural, tendo em vista o protagonismo de jovens e adultos.

Considerações finais

O Estágio Supervisionado realizado em espaço não formal possibilitou o diálogo com sócios jovens e adultos da Associação de Paus Altos. Essa experiência, além de discutir sobre o associativismo na comunidade também discutiu o protagonismo de jovens do campo. Os temas surgiram do interesse dos sócios em incentivar o protagonismo juvenil nas atividades da associação.

Para realizarmos as oficinas convidamos individualmente jovens e adultos da comunidade membros ou não da associação. O planejamento das ações foi construído coletivamente e as atividades despertaram o interesse para a discussão de outros temas na comunidade.

A experiência também foi marcada por desafios, entre eles, trabalhar o conceito de associativismo em uma associação que tem quase 17 anos de história na comunidade. Ao mesmo tempo esse desafio tornou-se uma potencialidade, visto que o debate seguiu baseado nas experiências do grupo. Os participantes além de contribuírem com a nossa formação discutiram os princípios do associativismo e foram incentivados à fortalecer a luta pela transformação social.

O estudo sobre o número de sócios apontou que é necessário promover ações com os jovens para incentivar o protagonismo. Também indicou que o número de jovens participantes da associação pode ser reduzido ainda mais nos anos subsequentes se não houver um incentivo no momento atual.

Observamos que a discussão despertou o interesse de todos, de modo que os participantes lembraram-se das atividades que foram desenvolvidas durante o início da associação e discutiram possibilidades de retomar alguns trabalhos, a exemplo do projeto da

Secretaria de Ação Juvenil (SAJ). Nessa perspectiva, os sócios convidaram os jovens da comunidade para participarem da reunião e apresentaram propostas para incentivar a participação dos jovens na associação.

De modo geral, podemos indicar que a atividade foi significativa para a comunidade e para a nossa formação no Curso de Licenciatura em Educação do Campo. A associação pretende implantar atividades com os jovens e ampliar o debate de atividades envolvendo a arte, a cultura e o esporte. Quanto às nossas vivências aprendemos a valorizar ainda mais a importância da mobilização social, o planejamento, a coletividade e o respeito à cultura e aos saberes da população camponesa.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Edital de Chamada Pública nº 2, de 31 de agosto de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 set. 2012. Seção 3, p. 59-60.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n. 2 de 1º de julho de 2015**. Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF, 2015.

CHRISTOFFOLI, P. Cooperação agrícola. In: CALDART, R. et al. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 159-167.

GOHN, M. Educação não formal na pedagogia social. **Anais do 1º Congresso Internacional de Pedagogia Social**. São Paulo: USP, 2006.

LIMA, A; LIMA, I. Diálogo, investigação e crítica na formação de professores de matemática em uma licenciatura em educação do campo. **Anais do VII Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**. SBEM Paraná. Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em: < <http://www.sbemparana.com.br>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

SANTOS, J.; SILVA, J. A Influência da Cultura Local no Processo de Ensino e Aprendizagem de Matemática numa Comunidade Quilombola. **Bolema**, Rio Claro, v. 30, n. 56, p. 972-991, Dez. 2016.

TIRIBA, L.; FISCHER, M. Produção associada e autogestão. In: CALDART, R. et al. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 614-620.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Aílton da Silva Santana

Estudante do 8º período do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Matemática, UFRB; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Brasil; Grupo de Estudo e Pesquisa Ensino e Aprendizagem da Matemática na Educação do Campo da UFRB; Bolsista do Programa da Residência Pedagógica. E-mail: ailtonsantana134@gmail.com

Gerson Conceição Silva

Estudante do 8º período do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Matemática, UFRB; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Brasil; Grupo de Estudo e Pesquisa Ensino e Aprendizagem da Matemática na Educação do Campo da UFRB; Bolsista do Programa da Residência Pedagógica. E-mail: gersonsilvaba@gmail.com.

Hebert Santos Jorge

Estudante do 8º período do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Matemática, UFRB; Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – Brasil; Grupo de Estudo e Pesquisa Ensino e Aprendizagem da Matemática na Educação do Campo da UFRB; Bolsista no programa da Residência Pedagógica. E-mail: hebertliberdade@gmail.com.

Aldinete Silvino de Lima

Doutora em Educação Matemática e Tecnológica pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB); Participa do Grupo de Estudo e Pesquisa Ensino e Aprendizagem da Matemática na Educação do Campo. E-mail: limaaldinete@gmail.com